Trabalhos Científicos

Título: Epidemiologia Da Taxa De Mortalidade Por Sífilis Congênita Em Crianças Menores De 1 Ano No Brasil (2019-2023)

Autores: DANIELLE VIEIRA DE BARROS (UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS - UFAL), CAROLAINE FERRO DO NASCIMENTO (UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS - UFAL), KAROLYNE OLIVEIRA MOURA (UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS - UFAL), CAMILA RODRIGUES COIMBRA (UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS - UFAL), GIRLLY SUELLY GOMES NOBRE (UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS - UFAL), CATHERINE CHAVES LE CAMPION (UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS - UFAL), JULIO CÉSAR SILVA SANTOS (UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS - UFAL), ALICE MARTINS FERREIRA (UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS - UFAL), BEATRIZ CARVALHO PERSIANO (UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS - UFAL), FERNANDA LAMENHA FERREIRA (UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS - UFAL), ANA CAROLINA VALERIO LANA (UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS - UFAL), ISABELLE LOUISE LIMA CASSIMIRO DE OLIVEIRA (UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS - UFAL), AGDA DE FREITAS CARVALHO (UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS - UFAL), LUCAS COSTA MENEZES (UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS - UFAL), JÚLIA DE JESUS CAETANO (HOSPITAL UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA - HUB/UNB)

Resumo: A sífilis congênita é a forma resultante da transmissão vertical da doença. Sua ocorrência se associa com desigualdades e falhas assistenciais. Dessa forma, faz-se importante a análise da mortalidade regional, a fim de entender possíveis correlações. Relatar a taxa brasileira de mortalidade por sífilis congênita, nos últimos 5 anos (2019-2023), em crianças menores de 1 ano. Trata-se de um estudo quantitativo e descritivo baseado em dados obtidos do Sistema de Informações Hospitalares (SIH), disponibilizados pelo serviço DATASUS. As variáveis foram organizadas em tabela no programa Microsoft Office Excel 2016 de acordo com as regiões, unidades da federação e taxa de mortalidade por sífilis congênita em crianças menores de 1 ano, no período de 2019 a 2023. A análise dos dados revelou diferenças significativas entre as diversas regiões do Brasil. No período avaliado, a taxa média de mortalidade por sífilis congênita no país foi de 0.212 por mil acometidos. No entanto, algumas regiões apresentaram taxas muito superiores à média nacional. As regiões com maiores taxas incluíram o Acre (1.07), seguido pela Paraíba (0.59), e Rondônia (0.52). A análise do estado do Acre merece um destaque, visto que nos últimos 3 anos, apresentou uma variação significativa. Em 2021, o valor foi de 1,32, ocorreu um aumento importante em 2022 para 2,63 e uma redução em 2023 com taxa de 1,41. Na região Sul, as taxas sofreram variações importantes entre os anos de 2019-2023, sendo que, no ano da pandemia (2020), era de 0,14, possivelmente devido ao enfoque nos cuidados do vírus da covid e em 2022 a taxa sofreu redução para 0,05. Paralelo a isso, algumas regiões mostraram taxas de mortalidade por sífilis congênita significativamente mais baixas como Santa Catarina, Ceará e Goiás que apresentaram a menor taxa dentre os estados (0.05). Esses resultados sugerem que essas regiões estão obtendo sucesso em suas estratégias de prevenção e tratamento dessa doença. As variações regionais podem ser atribuídas a vários fatores, incluindo o acesso desigual aos serviços de saúde, as diferenças socioeconômicas e a eficácia das políticas de saúde pública em cada região. Posto isto, a qualidade e a acessibilidade da atenção primária à saúde são cruciais na redução da mortalidade infantil, sugerindo que regiões com melhores infraestruturas de saúde apresentam resultados mais favoráveis. É essencial focar em regiões com altas taxas de mortalidade, como o Acre, para implementar intervenções mais eficazes e direcionadas. Investimentos em infraestrutura de saúde e programas de prevenção nas regiões mais afetadas são fundamentais para reduzir a mortalidade por sífilis congênita. Esses apontamentos reforçam a necessidade de um olhar atento às disparidades regionais e a implementação de ações específicas para melhorar a saúde infantil no Brasil.